



MANIFESTO

Diante da crise, defender a universidade pública para construir Alternativas de país e sociedade!

As universidades públicas brasileiras passam por uma grave crise. Se os ensinamentos de Darcy Ribeiro nos valem, devemos ter em mente que a crise é, na verdade, um projeto. Há pelo menos uma década, as universidades enfrentam um processo perverso de sucateamento. No seu desenvolvimento, citamos como marcos a adoção de políticas neoliberais nos anos 1990, a política de ajuste fiscal de Joaquim Levy, ministro da economia no governo Dilma, e o golpe de 2016, que resultou no Teto de Gastos do execrável Michel Temer. O governo neoliberal deste abriu as portas para uma avalanche de ataques à educação pública. Se restava alguma dúvida sobre o quão fundo poderia ser o poço, a eleição do também golpista Jair Bolsonaro representou a descoberta de um porão ainda mais subterrâneo: segundo Painel ANDIFES de Informações Orçamentárias, entre 2016 e 2022, a educação teve seu orçamento reduzido pela metade. Apesar das constantes sabotagens realizadas pelo governo bolsonarista, o período pandêmico ressaltou a posição de vanguarda científica e social das universidades públicas, que foram fundamentais para o enfrentamento à crise sanitária e humanitária.

Muito embora o pesadelo bolsonarista tenha sido derrotado eleitoralmente, a realidade das regras orçamentárias do Governo Federal impedem a reconstrução necessária das políticas públicas. O Novo Arcabouço Fiscal aprovado em 2023, como alternativa ao Teto de Gastos do governo Temer, a despeito de ser menos restritivo, significou a impossibilidade da recomposição orçamentária das universidades públicas e a manutenção do sucateamento da educação, cujo orçamento atual não supera R\$7 bilhões. Com menos orçamento para políticas de permanência estudantil, pagamento de bolsas e custeio de despesas básicas, as universidades públicas se encontram asfixiadas e quem arca com as consequências de tudo isso são os setores mais vulneráveis.

Diante desse quadro sensível, grupos de extrema direita têm apostado cada vez mais na difamação das universidades públicas. Tornou-se comum a cena de políticos alheios às Universidades entrarem em seus espaços, provocarem confusões com estudantes, professores, técnico-administrativos e gravarem vídeos e conteúdos para as redes. Busca-se, assim, a autopromoção, com distorções que pintam a universidade como espaço de bagunça. Além disso, outros dois objetivos são comuns: 1) incentivar o desmonte das instituições, justificando cortes orçamentários, ataques a permanência estudantil e subordinação do orçamento a emendas parlamentares, e visando consolidar um projeto de privatização; e 2) construir uma ofensiva ideológica baseada no ódio ao conhecimento crítico, no pânico moral quanto aos direitos de mulheres, pessoas negras e da comunidade LGBTQIA+, e na criminalização da comunidade universitária e dos espaços de auto-organização estudantil.

Somada à crise orçamentária, as difamações públicas constantes e a pauperização da vida social, em especial da juventude, têm construído um cenário de falta de expectativa para um público que cada vez mais não enxerga na Universidade uma oportunidade para melhorar suas vidas. **É contra esse cenário que nos insurgimos em defesa das nossas universidades!** Mesmo com todo esse cenário, as universidades e demais Instituições de Ensino Superior (IESs) seguem como o principal polo de desenvolvimento científico do país, sendo responsáveis por 90% à 95% de toda a produção de pesquisas, artigos científicos, teses e patentes registradas. As Universidades seguem produzindo pesquisa, ensino e extensão, com o objetivo de melhorar a vida da população e o desenvolvimento da soberania tecnológica e científica do país.

Somos aqueles que acreditam na necessidade de fortalecer a educação pública, gratuita, de qualidade e socialmente referenciada. Somos aqueles que acreditam que a Universidade deve estar à serviço da



melhora da vida geral do povo. Somos aqueles que acreditam que as Universidades devem estar de portas abertas a toda a população, expandindo suas vagas até conquistarmos a universalização da educação superior no Brasil. Somos aqueles que acreditam que a Universidade é um fundamental polo de construção e desenvolvimento tecnológico, científico, mas também cultural, social, político e de preservação ambiental. Somos aqueles que defendem a liberdade e a importância do pensamento crítico, necessariamente plural. Nossa defesa não se confunde com pânico moral nem com a tentativa de autopromoção política em cima de difamações abjetas e falaciosas. Nossa luta é pela valorização da educação, de seus profissionais e de todos que buscam nela um futuro mais digno não apenas para si, mas para todas as pessoas.

Na conjuntura internacional, o cenário não é menos complexo. Os genocídios na Palestina e na República Democrática do Congo, a guerra contra o Irã, a invasão na Venezuela e o sequestro de Nicolás Maduro e Cilia Flores, as constantes ameaças à Cuba, são exemplos da face mais brutal da ofensiva capitalista que mistura imperialismo, neocolonialismo e neofascismo, devendo soar como alerta para a comunidade universitária.

Não suficiente, há uma ofensiva brutal de Trump sobre a América Latina. Não se trata de um movimento isolado, compondo um projeto da extrema direita internacional, que avança seus braços pelo mundo – e que, na América Latina, acaba por conquistar a presidência do Peru e da Colômbia, tornando o Brasil um cordão de resistência.

As novas tarifas dos EUA no Brasil, a designação do PCC e do CV como organizações terroristas internacionais, demonstram o intuito de Trump de intervir politicamente no país. Recentemente, relatório da Abin elevou para um “nível de criticidade” o risco de interferência dos EUA nas nossas eleições. Aliado a isso, o golpismo e a vassalagem anti-soberania, colocam o bolsonarismo e grupos aliados a ele como negações do jogo democrático, mesmo nos contraditórios marcos liberais.

Ficam evidentes, portanto, os riscos da vitória de Flávio Bolsonaro (e, por extensão, de Trump) para as universidades públicas. Historicamente, elas foram a pedra no sapato de projetos autoritários e despóticos de poder. Por isso, a censura e a difamação contra elas.

A grandeza do desafio exige de nós uma resposta à altura. É necessário construir ou fortalecer uma **Campanha democrática em defesa das universidades públicas**, ou seja, do conhecimento crítico, da educação pública, gratuita, universal e de qualidade, da pesquisa e extensão universitárias, dos professores e trabalhadores da educação, dos estudantes, seus espaços de auto-organização e da assistência estudantil, da liberdade de pensamento, da cultura universitária e dos espaços coletivos de deliberação. **A educação, mais do que nunca, precisa de valorização e orçamento, e não de difamação.**

Com isso, convidamos toda a comunidade universitária a se somar conosco nessa iniciativa, que busca derrubar qualquer muro que possa existir entre universidade e comunidade externa, tornando visível o que produzimos. Solicitamos a colaboração de toda a comunidade universitária para **divulgar as inúmeras descobertas, experimentos, trabalhos, pesquisas, extensões, saberes, práticas, ideias, linguagens e tecnologias que a UnB produz e a relevância delas para a sociedade.**

Fazemos um chamado também a todas as pessoas que acreditam que a educação e o conhecimento podem e devem mudar a vida, para que defendam conosco a universidade pública, gratuita, de qualidade e socialmente referenciada!